

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

2.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 21 de abril de 2016

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

Leia o texto que abaixo se transcreve.

- 1 Entre Quina e o pai foi aos poucos surgindo uma espécie de aliança secreta. (...)
Na verdade, ela aplaudia com fanatismo a integridade do homem na sobriedade das suas leis, junto das quais as lágrimas duma mulher não passavam de superfluidades sentimentais. A corte feminina sempre tão numerosa em que vivia, incluindo suas tias e
- 5 casas continuadas por elas, causava-lhe irritação, pois ela lastimava desde menina o ser considerada um número entre a descendência de raparigas submissas e incapazes que se destinam a uma aliança tutelada, e que, mesmo atingindo o matriarcado, eram vencidas. (...)
Balbina, escolhida como madrinha de Quina, vinha, às vezes, da sua casa de Água-Levada, procurá-la para lhe oferecer hospitalidade durante o tempo das sachas ou das
- 10 esfolhas, convocando assim uma jornaleira gratuita. (...) Quina gostava da sua madrinha, se bem que ela jamais a convidasse sem lhe extorquir retribuição e a presenteasse pela Páscoa com um foliar pobre, muito chorado à conta das suas dificuldades, as suas perdas, as obrigações pesadas que devia ao lar e aos filhos. À ceia, quando queria avisar discretamente uma parcimónia geral, recostava-se, com um pequeno suspiro enfastiado, e
- 15 dizia:
– Estou até... Agora, nem cavacas...
Porém, não tinha comido senão um magro caldo, em cujos restos, num fundo de migas de broa, pousavam estilhaços de ossos. Amava as pompas, as grandes relações. O único irmão, José, (...) emigrara e, longe, fazia fortuna; outra afilhada sua e parenta não muito
- 20 próxima casara com um tio regressado de Tucumán¹ onde as plantações de açúcar lhe tinham proporcionado a auréola dum pequeno Creso². Chamava-se Elisa Aida, a moça, e com catorze anos entrara no leito com baldaquino e penas de avestruz, copiado duma água-forte de Moreau le Jeune, à ordem do velho achacoso, muito afeito a caprichos pantagruélicos, bufos, que era o noivo, seu tio. (...)
- 25 Fez-se uma fidalga. Um ano depois, o marido obtinha um título – conde de Monteros, depois de ter imposto o apelido Fattoni, espiolhado numa genealogia que os seus brios elegiam simpatizante. Elisa Aida Fattoni, condessa de Monteros, possuía então precetora inglesa, e tinha lições de piano com um compositor que se deslocava do Porto para lhe dedicar um pequeno concerto no *Pleyel*³ do seu salão abobadado, com grinaldas de gesso
- 30 circundando a meia altura as paredes cheias de frescos de fábulas de La Fontaine. O palacete era um monumento meio barroco protegido de para-raios cuja platina fora avaliada no preço da terra bastante para sustentar uma família. Balbina assistira ao casamento, dos bastidores, ajudara a ataviar a noiva, que era magrinha, escura, e em cuja cabeça a coroa de flores de laranjeira fazia o efeito duma rodilha. Os esplendores da sua
- 35 alcova, com o teto onde adejavam cupidos e mariposas, e o tapete *Savonnerie* fornecido por um museu, ficaram lendários. Dizia o de Lago, loiro e pomposo, amador de bons ditos como seu pai, que o casal lhe dava uma impressão de batatas numa loja de bricabraque.

¹ Província da Argentina.

² Rei da Lídia (na Ásia Menor) entre 560 e 546 a. C..

³ *Pleyel*: piano. A fábrica de pianos Pleyel foi fundada em Paris, em 1807, pelo compositor austríaco Ignaz Pleyel.

Mas foi ele o primeiro a fazer a corte à condessa de Monteros, quando, cinco anos depois, regressada da Itália e Constantinopla, franqueou o salão às notabilidades. Tinha-se feito
40 bela, com essa beleza que resulta mais numa aliança perfeita com o que é moda, inesperado, atual, do que de verdadeiros encantos físicos. (...) Estina, que tinha sido sua companheira na velha escola onde com ela aprendera caligrafia e croché, viu-a e não a reconheceu.

– É a Lisa – informou Balbina, impante, ruborizada, feliz, porque a condessa, se não lhe pedia a bênção submissamente como dantes, mostrava grande apego às antigas relações, e gostava de passear a pé e visitar como que casualmente as velhas amigas de Água-Levada. (...) O marido gostava de a ver fidalga, muito arredada de luxos, de prendas, de brilhantes, e fazendo sala entre uma caterva de criaturas de linhagem ou de dinheiro que acudiam aos seus jantares (...). Mas Elisa ficava indiferente a tais esplendores;
50 entranhara-se-lhe o hábito da grandeza, a ponto de não destringer valores, e usar com perfeito descaso a sua manta de marta como ninho de gatos recém-nascidos e, mais tarde, entregar um enorme *Rolls Royce* com faróis de prata, para poleiro de galinhas. Enquanto rapariga, ela tomava como divertimento mascarar-se de camponesa e, com uma toalha de renda pelo rosto, comparecer nas eiras das desfolhadas, gozando a sensação, o
55 gáudio e as agrídoces ilusões dos moços que tentavam saber-lhe a identidade.

– Que *china pueblana*⁴ você me saiu! – recriminava o conde. Vivia assaltado por vários males, e, na realidade, o possuir uma mulher jovem que não lhe impunha folias elegantes, viagens, um nomadismo impenitente de exibição e de gozo, parecia-lhe providencial. De resto, Elisa só com o tempo se fez coquete e provocadora de cortesias; mas já estava
60 viúva nessa altura, poupando assim ao velho tio o rabiado dos predestinados psicólogos.

Esta personalidade de mulher acompanhou muito a meninice de Quina.

Agustina Bessa Luís, *A Sibila*,
Lisboa: Guimarães Editores, 2006, pp.25-29 (texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de 1 a 11, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. A expressão “uma jornaleira gratuita” (linha 10) alude:

- ao trabalho rural, sazonal e não remunerado de Quina, na propriedade da madrinha.
- ao facto de Quina se oferecer para ajudar nos trabalhos do campo.
- à presença de Quina, durante todo o ano, em casa de Balbina.
- ao facto de Quina ajudar gratuitamente a madrinha nos trabalhos domésticos.

⁴ Expressão que designa a tradicional indumentária, bordada e colorida, das mulheres mexicanas.

2. Pela Páscoa, a madrinha:

- a. era perdulária nas suas dádivas.
- b. era parca na sua oferta.
- c. era criativa a presentear a afilhada.
- d. escusava-se a presentear Quina.

3. O leito nupcial de Elisa Aida era:

- a. uma imitação do mobiliário descrito num famoso romance.
- b. profusamente decorado com motivos animais.
- c. inspirado numa tapeçaria.
- d. a reprodução de uma gravura.

4. O tio de Elisa Aida era um velho:

- a. maldispuesto e com fastio.
- b. dado a caprichos e a espetáculos burlescos.
- c. com pouca saúde e apreciador de muitas e boas iguarias.
- d. dado a achaques e frugal nas suas refeições.

5. O sobrenome Fattoni era:

- a. um apelido sonante tomado de uma linhagem cara ao tio de Elisa Aida.
- b. desde sempre o apelido da família do tio de Elisa Aida.
- c. um apelido recuperado na árvore genealógica da família do marido de Elisa Aida.
- d. a adaptação de um cognome encontrado num livro de linhagens.

6. No dia do seu casamento, Elisa Aida:

- a. levava na cabeça uma coroa que lhe acentuava a beleza.
- b. tinha a cabeça cingida por uma resplandecente coroa de flor de laranjeira.
- c. ostentava uma pequena coroa de flor de laranjeira sobre a cabeça.
- d. levava na cabeça uma rodilha.

7. No palacete dos condes de Monteros, na pintura do teto da alcova:

- a. alinhavam-se cupidos e mariposas.
- b. esvoaçavam cupidos e mariposas.
- c. agrupavam-se cupidos e mariposas.
- d. descansavam cupidos e mariposas.

8. Na linha 48, “caterva” é sinónimo de:

- a. súcia.
- b. cáfila.
- c. corja.
- d. multidão.

9. A figura de estilo presente em “Que *china pueblana* você me saiu!” (linha 56) é uma:

- a. comparação.
- b. metáfora.
- c. antonomásia.
- d. metonímia.

10. A forma verbal “eram vencidas” (linha 7) encontra-se no:

- a. pretérito imperfeito do indicativo, na voz ativa.
- b. pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na voz passiva.
- c. pretérito imperfeito do indicativo, na voz passiva.
- d. pretérito perfeito do indicativo, na voz passiva.

11. A função sintática de “cupidos e mariposas” (linha 35) é:

- a. sujeito.
- b. complemento direto.
- c. modificador apositivo do nome.
- d. modificador restritivo do nome.

Grupo II

Leia o texto a seguir transcrito.

1 Creso (...) tinha sob o seu domínio (...) Lídios, Frígios, Mísios, Mariandinos, Cálibos, Paflagónios, Trácios da Tínia e da Bitínia, Cários, Iónios, Dórios, Eólios, Panfílios¹.

Submetidos estes povos e anexando-os Creso à Lídia, acorrem a Sardes², que estava no auge da riqueza, cada um por sua razão, todos os sábios da Hélade que na altura
5 viviam. Entre eles contava-se Sólon (...). À sua chegada, foi hospedado por Creso no seu palácio. Depois, no terceiro e no quarto dia, por ordem de Creso, os servidores passearam Sólon pelos tesouros e mostraram-lhe toda a riqueza e opulência aí existentes. Depois de ele ter observado e examinado tudo, (...) Creso perguntou-lhe: “Hóspede ateniense, até
10 viagens, como, por amor à sabedoria, tens percorrido toda a terra, levado pela

¹ Povos da Ásia Menor.

² Capital da Lídia.

curiosidade. Veio-me agora o desejo de te perguntar se já viste alguém que fosse o mais feliz dos homens.” Interrogou-o dessa forma, na esperança de ser ele o mais feliz de todos, mas Sólon, sem qualquer lisonja e com sinceridade, responde: “Sim, ó rei, Telo de Atenas”. Surpreendido com a resposta, Creso perguntou com interesse: “Porque julgas que Telo é o mais feliz?” E ele explicou: “Natural de uma cidade próspera, por um lado, teve filhos belos e bons e de todos eles viu nascerem filhos e todos permanecerem com vida; por outro lado, depois de gozar uma vida próspera, para o nosso meio, teve o mais brilhante termo de vida. Declarada a guerra pelos Atenienses contra os seus vizinhos de Elêusis, ele correu em auxílio, provocou a fuga dos inimigos e morreu da forma mais gloriosa”. (...)

Creso, indignado, exclamou: “Hóspede ateniense, e a minha felicidade assim a lançaste na conta de nada (...)? Mas Sólon respondeu: “Ó Creso, (...) no longo tempo de uma vida, há ocasião de ver e padecer muitas coisas que uma pessoa não queria. (...) Parece-me muito rico e rei de muitos homens, mas o que tu me perguntaste eu não te posso dizer que o sejas, antes de saber se atingiste feliz o termo da vida. É que o homem muito rico não é mais feliz do que o que tem para o dia a dia, se não o acompanha a sorte de terminar a vida no meio de toda a espécie de prosperidades. Muitos homens ultrarricos são infelizes e muitos outros de modestos recursos de vida são pelo contrário afortunados. Quem é muito rico, se infeliz, apenas em duas coisas supera o afortunado, mas este supera o rico infeliz em muitas. Um tem mais recursos para satisfazer um desejo e para suportar o golpe de uma grande calamidade, mas o outro supera-o no seguinte: se não é capaz de enfrentar do mesmo modo que ele desgraças ou desejos, a boa sorte preserva-o desses males; é uma pessoa sem enfermidades, sem doenças, que não conhece desgraças, com boa descendência e belo aspeto. Se, a somar a isso, ainda terminar bem a vida, esse é quem tu procuras, o que merece ser designado feliz. Mas, antes de chegar ao fim, espera e não lhe chames feliz, mas afortunado. (...)”

Ao falar assim, Sólon não agradou nada a Creso e foi despedido, sem dele receber qualquer palavra. Considerava grande estultícia que alguém, sem ter em conta os bens presentes, aconselhasse a observar o fim de cada coisa.

Depois da partida de Sólon, terrível castigo da divindade atingiu Creso³, ao que parece por ter acreditado que ele próprio era o mais feliz de todos os homens.

Heródoto⁴, *Histórias*, I, 28-34

Tradução de José Ribeiro Ferreira, Lisboa: Edições 70, 1994, pp. 73-77 (texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1** a **9**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

³ Após a grande dor pela morte do filho dileto, o sofrimento de Creso culminaria com a perda do reino, quando as tropas do persa Ciro tomaram Sardes em 546 a.C..

⁴ Historiador grego do século V a. C..

1. Com base na leitura deste texto, torna-se evidente que o tio de Elisa Aida “tinha a auréola dum pequeno Creso”, porque:

- a. se casara com uma mulher jovem.
- b. tinha chegado sem maleitas à velhice.
- c. era muito feliz.
- d. se tornara muito rico.

2. Segundo Sólon, o homem feliz é aquele que:

- a. tem uma vida próspera.
- b. morre feliz.
- c. termina em felicidade uma vida feliz.
- d. vive em opulência, sem maleitas, rodeado de uma ilustre prole.

3. Na perspetiva de Creso, a felicidade é apanágio do homem que:

- a. vive indiferente a esplendores.
- b. governa muitos povos.
- c. se entrega à luxúria.
- d. sendo poderoso, vive em esplendor.

4. No pensamento de Sólon, é afortunado todo aquele que:

- a. conquista uma fortuna em pouco tempo.
- b. preservado de infortúnios, tem uma vida aprazível.
- c. suporta com facilidade todos os infortúnios.
- d. concretiza os seus caprichos.

5. Respondendo a Creso “sem qualquer lisonja” (linha 13), Sólon pretende:

- a. não adular o seu anfitrião.
- b. não deixar de ir ao encontro do raciocínio do seu anfitrião.
- c. deleitar o seu anfitrião.
- d. bajular de alguma forma o seu anfitrião.

6. O hóspede de Creso é um:

- a. filósofo ateniense.
- b. navegador grego.
- c. sábio da Ásia Menor.
- d. ignoto cidadão ateniense.

7. Crespo considera os conselhos de Sólon:

- a. pertinentes.
- b. estupendos.
- c. imbecis.
- d. fundamentais.

8. No último período do texto, o adjetivo “feliz” encontra-se no grau:

- a. comparativo de superioridade.
- b. superlativo absoluto analítico.
- c. superlativo absoluto sintético.
- d. superlativo relativo de superioridade.

9. Na linha 3, “a Sardes” desempenha a função sintática de:

- a. complemento oblíquo.
- b. modificador.
- c. complemento indireto.
- d. complemento direto.

Grupo III

No excerto de Heródoto, Sólon sublinha que há muitos homens ricos infelizes e muitos homens afortunados de modestos recursos.

No final do passo transcrito do romance *A Sibila*, é curioso o facto de “o hábito da grandeza” se ter entranhado de tal modo em Elisa Aida que ela não destrinchava valores, usando “com perfeito descaso a sua manta de marta como ninho de gatos recém-nascidos” e “um enorme *Rolls Royce* com faróis de prata, para poleiro de galinhas”.

Num texto bem estruturado, de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da riqueza na vida do homem contemporâneo.

Fundamente o seu ponto de vista, recorrendo a dois argumentos e ilustre cada um deles com um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte: – um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido; – um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	7 pontos
2.	7 pontos
3.	7 pontos
4.	7 pontos
5.	7 pontos
6.	7 pontos
7.	7 pontos
8.	7 pontos
9.	7 pontos
10.	9 pontos
11.	9 pontos

81 pontos

Grupo II

1.	9 pontos
2.	7 pontos
3.	7 pontos
4.	7 pontos
5.	7 pontos
6.	7 pontos
7.	7 pontos
8.	9 pontos
9.	9 pontos

69 pontos

Grupo III

Estruturação temática e discursiva.....	30 pontos
Correção linguística	20 pontos

50 pontos

Total **200 pontos**